



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Conferência

Programa de desenvolvimento regional integrado sustentável - OCT

Guilherme Valadares

Fundação Odebrecht, Organização de Conservação de Terras - OCT

Boa tarde a todos, meu nome é Guilherme Valadares, sou Engenheiro Florestal e hoje estou como líder executivo da Organização de Conservação de Terras do baixo-sul da Bahia.

A OCT, como disse o Maurício Medeiros, é uma OSCIP – Organização Sociedade Civil de Interesse Público, reconhecida pelo Ministério da Justiça, e somos nós os responsáveis pelo Capital Ambiental. A missão da OCT é a conservação da fauna, da flora e dos recursos hídricos em nossa região do baixo-sul da Bahia. É importante ressaltar a diferença entre a conservação e a preservação da natureza. Preservação visa manter intacto o ambiente, mesmo sem a presença do ser humano. Ou seja, um belo parque, com bichos, água limpa, mas sem o ser humano. A conservação da natureza tem o ser humano como parte fundamental do processo. Então, como o nome indica, nós praticamos a conservação da natureza.

Vista pela ótica da tecnologia empresarial Odebrecht; a OCT foi criada a partir da constatação de problemas relacionados ao meio ambiente, no baixo-sul da Bahia, quando um grupo de pessoas se reuniu e formou o Conselho da OCT.

Nós temos três âmbitos: o âmbito político estratégico, o âmbito estratégico empresarial e o âmbito empresarial operacional que está próximo ao cliente. A OCT recebe orientação do nosso conselho deliberativo, que, por sua vez, é norteada pelo conselho da governança, formado por todas essas instituições, a começar do Governo Federal mais, o Governo do Estado da Bahia, a Associação dos Municípios, a Fundação Odebrecht e a grande empresa do terceiro setor, que nos orienta que é o IT, e de forma interdependente

exercemos nosso poder na realização de nossos programas, por intermédio de nosso centro de resultados. São quatro centros de resultados, cada um com um responsável, e retribuimos na forma de indicadores de resultados visando retroalimentar nosso âmbito estratégico que tem como único objetivo servir ao cliente, que é o meio ambiente.

Dr. Norberto Odebrecht sempre utiliza a analogia de uma bacia hidrográfica. Eu sou Engenheiro Florestal, e para mim se encaixa perfeitamente: onde temos as nascentes, nas nascentes a água flui em direção ao mar. Só que essa nascente, para continuar dando origem à água, precisa do refluxo daquela evaporação do oceano que volta para a nascente.

A região do baixo-sul da Bahia é detentora de alguns dos mais importantes remanescentes de mata atlântica do Brasil. Estamos inseridos nas áreas prioritárias para conservação dos principais programas de proteção da mata atlântica. São o projeto da biosfera da Mata Atlântica e o Programa Piloto de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, o famoso PPG7, que conta com o apoio dos sete países mais ricos do mundo.

Na região do baixo-sul da Bahia, se encontram cinco áreas de proteção ambiental. Esse tipo de unidade de conservação é único no Brasil. Em nenhum outro lugar do mundo temos esse tipo de conservação que é uma unidade de conservação estadual composta por terras privadas. É um desafio muito grande porque estamos lidando justamente com aos anseios das pessoas e podemos praticar nossa conservação na natureza. Posso ler a APA de Pratigi, APA da Baía de Camamu, APA de Tinharé Boipeba, Caminhos da Boa Esperança, APA de Guaibim. É importante mencionar que temos lá na região importantes bacias hidrográficas: a bacia hidrográfica do Rio das Almas, do Rio Juliana, do Rio Orojó; as três abastecem a baía de Camamu, que é a terceira maior baía oceânica do Brasil e hoje a mais preservada do ponto de vista ambiental. E temos também alguns pontos muito importantes para a conservação da natureza, como a serra da Papuã, a serra do Abiá e a estação ecológica de Venceslau Guimarães.

Mas hoje, a Mata Atlântica está reduzida à fragmentos isolados. Hoje restam apenas 7% da cobertura original. Esses fragmentos isolados, ao longo do tempo, tendem ao empobrecimento genético, e isso leva à extinção das espécies. Por isso a OCT trabalha com o conceito do corredor ecológico. Um corredor ecológico é um mosaico de usos da

terra que conectam os fragmentos de florestas naturais por meio de uma paisagem dinâmica e sustentada em escala regional.

A princípio, o conceito do corredor ecológico se limitava a uma simples conexão entre os fragmentos. Logo percebemos que essa visão não seria viável no baixo - sul da Bahia porque ela exclui o ser humano do processo. Chegou-se a um consenso porque são várias as organizações ambientais que trabalham na região, inclusive as organizações internacionais. Chegamos ao consenso de que um corredor ecológico tem que ser um mosaico de paisagens onde possamos proteger os fragmentos existentes e construir tipos de uso do solo que sejam inclusivos para o ser humano e também para a fauna e para a flora. Ações como a proteção à mata ciliar, cultivo de culturas perenes, da agrofloresta, uso conservacionista do solo, são ações específicas que permitem a geração de trabalho e renda com responsabilidade e pró-atividade ambiental.

O programa de desenvolvimento regional integrado sustentável, esse programa que a Fundação Odebrecht, junto com os parceiros da governança, lideram na região do baixo-sul, constitui um exemplo prático da criação de um corredor ecológico regional. Nosso papel na OCT responsável pelo capital ambiental é de assegurar uma ambiência ecológica nos esforços das cadeias produtivas, apoiando os aspectos relacionados com o meio ambiente e trabalhando diretamente com mecanismos que garantam a proteção dos remanescentes florestais.

Na região do baixo - sul, nos onze municípios, há o programa da cadeia produtiva da mandioca, o programa da cadeia produtiva da agricultura, e o que chamamos de ecopólos da APA do Pratigi. O corredor ecológico do baixo - sul conta também com a cadeia produtiva da Pupunha, que ocorre nesta região dos ecopólos e que hoje está sendo reestruturada, e também estamos estudando, já em estágio avançado, a cadeia produtiva da Piaçava, um ecopólo da APA do Pratigi, que tem uma característica muito interessante, desafiadora e motivadora, pois nessa região se encontram comunidades tradicionais remanescentes de quilombos e justamente nessa região é que se encontram os principais remanescentes de mata atlântica do Brasil.

E a gente observa que esse remanescente se preservou justamente pela sua utilidade econômica. Essas comunidades utilizam o extrativismo da piaçava, há séculos, esta por ser uma espécie de planta que cresce muito bem em conjunto com a floresta, permiti

então a construção de mecanismos de proteção dos remanescentes de mata atlântica na APA do Pratigi, com os três ecopólos. Chamamos essas áreas de ecopólos, e o desafio está sendo encontrar mecanismos que possam garantir, aos proprietários dessas matas, retornos tangíveis para a biodiversidade. À medida que vamos desenvolvendo estudo na APA do Pratigi, nosso carro chefe são as cadeias produtivas.

Já mencionei a cadeia da Pupunha, que está sendo reestruturada, no Ecopólo Central e a Cadeia produtiva da Piaçava, em estudo avançados em nosso ecopólo litorâneo. Já temos alguns resultados operacionais. Um deles é a formação de três associações para conservação da natureza, então para cada um daqueles ecopólos nós temos associações e não trabalhos mais com um ou outro proprietário ou posseiro de terra, mas sim num âmbito onde eles possam discutir de forma democrática e fortalecerem-se em seus anseios. E também a averbação de aproximadamente 2 mil hectares de reservas florestais.

Um dos mecanismos que estamos trabalhando para desenvolver é uma região muito rica em recursos hídricos, são serviços do ecossistema. Um desses serviços é a água e o que ela nos provê. Um desses serviços é a geração de energia elétrica. Hoje a tecnologia nos permite produzir energia numa cachoeira sem impactar, seja visual ou ecologicamente, seu estado. A idéia é através dos serviços do meio ambiente, produzir energia elétrica, e com a receita da produção dessa energia desenvolver projetos de recuperação da bacia hidrográfica, de modo a garantir maior qualidade e maior quantidade de água. Nossa visão de futuro é termos mais áreas de proteção ambiental criadas e, as que foram criadas, bem conservadas; as bacias hidrográficas saudáveis e terras produtivas e como foco central à geração de trabalho e renda.

É importante e oportuno mencionar neste Seminário, uma das atividades que estamos trabalhando com muito empenho é na facilitação do acesso a portadores de deficiências ao conhecimento da natureza, ou seja, permitir que exista acesso a trilhas para pessoas em cadeiras de rodas, ou que possamos ter a interpretação ambiental para pessoas com deficiências. É algo que estamos aprendendo, mas com certeza, é um diferencial que fortalecerá muito nosso esforço ali no baixo - sul. Obrigado pela atenção de todos; vou passar a palavra para nosso colega Marcelo Abranches que vai falar da cadeia produtiva da mandioca.